

## ARTE: ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS

As origens das novas manifestações artísticas:  
Crítica e avaliação.

Juan Mosquera PUCRS/UFRGS

A arte decorre de manifestações no campo da cultura. Hoje, os críticos são unânimes em afirmar que todos os estilos artísticos estão ligados aos fenômenos sociais. Acredita-se que as revoluções decorrem de fatores tais como: política, economia e a nova ascensão das massas ao poder. Se examinarmos toda a história da Cultura, iremos ver que é uma decorrência das revoluções sociais. Este pressuposto foi colocado pelo professor francês JEAN CASSOU, uma das maiores autoridades em termos de arte. E se este pressuposto é viável, podemos dizer que a arte não é apenas criatividade, mas essencialmente uma manifestação das expectativas sociais.

Estas idéias sobre a arte como decorrente de fenômenos sociais, são relativamente novas e têm sido encaradas como básicas, a partir dos fins do século XIX e tomam corpo no século XX.

Por outro lado, não podemos falar apenas em arte, mas também nas diferentes manifestações da arte. Em outras palavras, existe uma arte **oficial** e existem as artes oficiosas. A arte oficial é aquele movimento consagrado em um determinado instante da cultura, por exemplo: o Romantismo foi um movimento artístico cultural e plástico com características que correspondem aos anseios e expectativas dos indivíduos naquele momento. Podemos dizer que os estilos, por sua vez, são manifestações peculiares dos fenômenos sociais que acontecem no momento. Outro aspecto importante é que a arte, em si mesma, não teria muito sentido se não se dirigisse ao público. Surge, então, outro fenômeno funda-

mental: a arte precisa ter um público.

Todo artista não é por si mesmo alguém que precisa estar isolado necessariamente; o isolamento decorre de uma falta de compreensão cultural daquele momento, ou de aspectos psicológicos da personalidade artística.

Para que a arte tenha significado precisa ser **compreendida** ou absorvida e consumida pelo público, senão não tem função.

A elaboração da arte não aparece por acaso e também não se dá, hoje, de maneira isolada, acontece devido aos meios de comunicação de massa e às peculiaridades humanas. Os movimentos artísticos surgem mais ou menos com certo paralelismo em todas as partes do globo, pelo menos na cultura chamada Ocidental, e que partilha de uma certa e semelhante tecnologia.

Este fenômeno é novo e tem sua base em uma arte que parte do Renascimento; é um fenômeno burguês. Devemos, pois, entender o que é fenômeno burguês. Por isto, não se entenda burguesia como realmente a entendemos. É necessário que entendamos burguesia como uma nova classe social, que surgiu a partir do fim da Idade Média, como um poder econômico aquisitivo. Esta classe social foi se afirmando e chegou definitivamente ao poder na Revolução Industrial. A arte tal como a conhecemos hoje, mesmo a arte de contestação, é um fenômeno burguês. Não é um fenômeno de classes desamparadas ou desprotegidas; em geral, o artista é um burguês. Ele tem certa formação e estrutura que lhe garantem a capacidade de absorver o consumo por uma sociedade que mais tarde ou mais cedo consagra a arte.

Os estilos não são causas; são efeitos das mudanças sociais e culturais processadas nos diferentes momentos da história do homem e concretamente a partir do Renascimento. Isto se evidencia de maneira muito nítida. Outro aspecto importante é que os estilos não são invenções dos artistas; são frutos das mudanças nos estilos de vida. Cada sociedade tem um estilo de manifestar a arte, porque a vida da sociedade mudou, não porque o artista queira ser tão original, tão expressivo e tão diferenciado que possa mudar a arte.

Pode, em um determinado momento, o artista estar isolado; é que já apanhou algo que está em anseio na sociedade e que a estrutura da vida social lhe impulsiona para ser uma plataforma, para poder mudar a arte. A arte muda com muita rapidez como muda a tecnologia e a ciência, muito mais do que a vida do público comum.

Mudar a vida de um indivíduo, não é tão simples. Mudam naturalmente, aquelas camadas mais privilegiadas ou que têm maior desenvolvimento.

Decorre a mudança de algo que está no ar. Assim, existe no nosso século, especialmente agora, uma inclinação a deter o processo. Ele é desorganizado; há, pois, uma tendência natural a de-

tê-lo. Tendência que se está esboçando pelos controles ambientais e pela crítica que a própria arte está fazendo da cultura, através da chamada arte ecológica. É uma crítica ambígua e discutível, porque a arte não inventou até agora nada de substancialmente novo após o Renascimento, a não ser a Arte do Computador, que é realmente nova.

O resto, é uma variação sobre a mesma sinfonia.

A arte decorre de problemas sociais e os estilos são efeitos desses problemas, sendo isto válido, especialmente a partir da Revolução Industrial até o nosso momento.

Outro conceito básico, o de que arte é sempre uma deformação, jamais expressou uma verdade real.

A arte é uma tentativa de **reproduzir a verdade**. Mas é uma tentativa subjetiva, e conseqüentemente as diferenças entre arte objetiva e subjetiva são todas semânticas; quer dizer, não funcionam. Toda arte, por sua natureza é subjetiva a não ser a Arte do Computador, que não é subjetiva na sua reprodução.

**Deformação** quer dizer: quando um artista ou um trabalhador da arte faz alguma obra, não está expressando a verdade do seu mundo circundante; está expressando como interpreta esta verdade. Então, além do condicionamento social, há um segundo condicionamento que é a mensagem. Quando aparece para o público ela já está deformada, e, conseqüentemente, a deformação é um dos alicerces da arte. Por isso, a arte é deformadora. O mesmo não acontece com a ciência. A diferença entre arte e ciência é muito significativa. A ciência não se diferencia da arte pela criatividade. É tão criativo o artista como o cientista. Talvez este até seja mais. Na verdade, a diferença consiste no seguinte: a arte sempre será uma deformação porque é uma interpretação. Já a ciência não é uma deformação; é uma **conformação**. Isto é, conformar o universo que rodeia o indivíduo, dar-lhe estrutura, significado, valor.

As deformações consistem:

— Na interpretação temática. Os artistas escolhem os temas que, socialmente falando, são relevantes ou que eles entendem ser relevantes. Entretanto, estes temas quando aparecem, já estão tingidos pela imaginação do artista. Se observarmos os trabalhos de nossas crianças, eles são uma deformação da realidade. **É a realidade da criança**. Não é a nossa realidade ou a realidade circundante. Este conceito parece-nos muito válido; sem dúvida ajuda a interpretar melhor a arte.

— Na estrutura formal. A arte sofre contínua deformação na sua estrutura formal e deste modo a arte passa de figurativa para não figurativa. O não figurativo também é uma figuração convencional.

Entende-se precariamente por figurativa a representação aproximada da natureza ou do ambiente que rodeia o homem. Na arte

não figurativa, a natureza não é representada diretamente, mas tenta-se representar o seu dinamismo.

Existe uma diferença em termos de figuração e não figuração, se bem que estas palavras são precárias e ambíguas. Usam-se, porque constituem linguagem comum, embora no devam ser empregadas indiscriminadamente. No momento em que fazemos uma manifestação artística, estamos figurando. Mas deve-se entender que uma manifestação artística é mais ou menos figurativa e como tal deve ser interpretada. O problema é o nível de interpretação do consumidor e não o do artista. Ele tem sua interpretação. Quem vai consumir é o público. A deformação, neste sentido estrutural, decorre de como faz a volta à obra.

Dentro desta deformação estrutural temos a cor, as linhas, as pastas, as tintas e o material todo que rodeia a confecção de uma obra de arte. Com as devidas mudanças, isto pode passar para a escultura ou outro tipo de arte. Atualmente a tendência é fazer coisas híbridas e não mais uma coisa. Queremos dizer coisas que deem idéia de finalidade e que possibilitem à arte um conceito de totalidade.

O retorno não é apenas de uma manifestação pictórica ou escultórica, mas a pintura ou a escultura formando um conjunto que se completa e harmoniza.

As últimas Bienais têm mostrado, nos seus salões, conjuntos de coisas, alguns muito lamentáveis, mas outros bastante significativos. A tendência é mostrar o conjunto, a obra conjuntual, a tendência ao espaço, ao todo como manifestação estética.

Além da estrutural, temos outra deformação que é a representação ambígua, ou seja, uma decorrência das conquistas da tecnologia. A arte não é mais aquilo que parece ser, mas vai além do que deve ser.

Os artistas, em 1977, mas já desde 1940 estão empenhados em **representar** na arte, movimento, som, ambiência. A arte deixou de ser estática para ser dinâmica. Em outras palavras, a arte, além de representação, é movimento. Estes conceitos são difíceis de ser compreendidos porque ainda não chegamos a uma configuração total. Somos herdeiros de uma arte extremamente estática.

A representação do dinamismo artístico bem representado no filme **2001, Uma Odisséia no Espaço**, onde os movimentos dos astronautas dentro da nave e a configuração do filme é uma arte dinâmica que se evidencia pela filmagem, "mise-en-scene", luminosidade, som, dimensões que envolvem o expectador.

O termo ambíguo, não quer dizer ambivalência compreensível; a palavra foi utilizada, propositalmente, de maneira deformada. A representação ambígua nos diz o sentir-se dentro do fenômeno artístico, como participante dele. Algumas experiências têm sido feitas com a arte ambiental e com a participação nos **happenings** que têm sido muito criticados e mal entendidos, porque derivaram

em manifestações **pornográficas** ou em um conjunto **somativo e qualitativo** de comportamentos que a sociedade burguesa ainda não aceita. Isto não é crítica e sim constatação.

A deformação tem sua história. Podemos dizer que a história da arte é uma história da deformação. O homem jamais representou o seu mundo como é. Toda a História da Arte é um ir e vir para obter a **melhor deformação**. Mesmo nos momentos em que a arte era mais figurativa, era deformada.

Exemplos práticos e evidentes:

Os entendidos em arte tinham tendência a dizer que a arte grega era de manifestações perfeitas e com medidas exatas. Estudando melhor o fenômeno, podemos constatar que não é bem assim.

A arte grega é um ir e vir da própria arte.

Estudando a fundo a Grécia, vemos que tem todos os movimentos contidos em seu patrimônio estético.

Desde as manifestações cretenses, amplamente estilizadas, passando pelo século de PÉRICLES, em que supostamente a arte atinge seu apogeu e até a época de ALEXANDRE, onde a arte se torna barroca, a Grécia passa por todos os movimentos que conhecemos na cultura contemporânea. Jamais os gregos foram fiéis representantes da natureza e mesmo no século de PÉRICLES, representavam uma natureza ideal que não existia na Grécia.

Um dado bem específico: o PARTENON, que é considerado uma das obras arquitetônicas mais marcantes em termos de equilíbrio, é deformado. As escadarias foram propositalmente construídas para dar uma perspectiva de que existia equilíbrio e harmonia.

O CANON, uma das esculturas mais interessantes e citadas, cujas medidas são consideradas perfeitas, evidentemente é uma deformação. Jamais o corpo humano tem essas medidas. A deformação, pois, passa a ser o ideal ou a expectativa do artista para representar melhor o seu momento histórico. Toda a história da Arte é, portanto, uma história de sentimentos deformadores.

Uma idéia chave é a de que a arte se move de acordo com grupos de interesse e de manifestação cultural. A Grécia na época de PÉRICLES tinha a tendência ideal de colocar o homem como ser harmônico e centro do universo. Portanto, nesses momentos, a arte tendia a irradiar harmonia, equilíbrio e beleza carnalizada.

Esta beleza carnalizada era muito específica; temos a escultura triunfando nesta época.

Na Idade Média, sentimos na arte Românica e Gótica que o centro de interesses é o poder da igreja e esta é a distribuidora de benefícios ou malefícios.

As catedrais românicas são em geral solenes, pesadas, escuras e seus tímpanos se cobriram com cenas do inferno e da salvação, porque a igreja terá como valor, nestes momentos, afastar o ho-

mem da carnalidade e encaminhá-lo para as salvação.

Esta idéia começa a ser destruída com o aparecimento do capitalismo na Europa, manifestado na filosofia de que a vida deve ser gozada e que o homem tem seu lugar ao sol.

Aparece com o apogeu do Gótico que vai afinando as suas formas, mostrando diferença substancial com o Românico, e evidenciando que o homem pode viver e viver na terra, aqui e agora.

Vemos que a arte e suas formas propositais decorrem das preocupações culturais daquele momento.

Outro fato importante é que a arte, além de ser um fenômeno social é um fenômeno afetivo. O artista, antes de ser indivíduo plenamente racional é muito mais ser afetivo e emocional.

Isto quer dizer que usa a intuição como uma das armas mais importantes para poder expressar-se. Isto aparece especificado, especialmente, na nossa arte, na arte contemporânea, que é uma confusão. Confusão que mostra os sentimentos contraditórios que temos.

A arte é uma tentativa de criar modelos diferenciados do mundo através da imaginação!